



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### **PRÁTICAS CURRICULARES NECESSÁRIAS ÀS ESCOLAS DO CAMPO A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS ACERCA DAS ESCOLAS QUE POSSUEM<sup>283</sup>**

Wiama de Jesus Freitas Lopes\*  
(UFPA)

Wilma de Nazaré Baía Coelho\*\*  
(UFPA)

#### **RESUMO**

Neste trabalho objetivou-se estudar as representações sociais dos jovens do campo acerca de suas escolas no município de Bragança, Estado do Pará. Como questão central analisar as formas pelas quais acontecem interferências dessas representações sociais dos jovens do campo, acerca de suas escolas, para com as práticas de inclusão-exclusão da ação educativa desencadeada nas escolas no campo. Para tanto, esta pesquisa balizou-se metodologicamente pela teoria das representações sociais para a estruturação de seu referencial teórico-metodológico de coleta e tratamento de dados e dos estudos de currículo, em uma concepção progressista, preconizada pelos movimentos sociais ligados atualmente à luta pela terra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações sociais; Jovens do campo; Escolas do campo.

---

283Artigo produzido como sinopse de minha Dissertação de Mestrado “Representações sociais dos jovens do campo acerca de suas escolas”, orientada pela Professora Dra. Wilma de Nazaré Baía Coelho, defendida em abril de 2008 no Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará.

\*Técnico do Programa PDE-Escola – FNDE; Membro do Grupo de Estudos em Relações Étnico-Raciais – GERA/UFPA e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo na Amazônia Paraense – GEPERUAZ/UFPA. Mestre em Educação – ICED/UFPA, na linha de Currículo e Formação de Professores. E-mail: uiama@uol.com.br.

\*\*Docente do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientadora da Dissertação “Representações sociais dos jovens do campo acerca de suas escolas”, cujo presente trabalho é uma sinopse da produção. E-mail: wilmacoelho@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### INTRODUÇÃO

#### **O PRESSUPOSTO TEÓRICO-METODOLÓGICO DAS REPRESENTAÇÕES BALIZANDO O RECORTE**

Conforme se pode constatar na epígrafe, a educação, dentre o universo cultural dos sujeitos do campo, possui uma referência que fala por si. Possui um poder atribuído que persiste de algum modo às constatações de suas limitações infra-estruturais e administrativo-pedagógicas das escolas que trazem parte de sua constituição. Dentre tantas outras idéias suscitadas pela fala de Ciço, entrevistado por Brandão (1982), a representação que possui a educação e, por conseqüência, a escola se caracteriza por um sério elemento de distinção. Uma distinção que faz, de todos os iguais, em algum ponto de suas vidas e, em função do conhecimento ao qual tem contato, promove o Ser diferenciado; “sujeito de muita valia”, homem de “destino virado” em função de um “saber completo”.

Nesse artigo estabeleço uma incursão na tarefa de apontar as condições de diferenças e desigualdades socioculturais que estão imbricadas no sentido de ser jovem no campo em contraste com o currículo das escolas do campo que possuem. Além de buscar a definição de juventude no campo e suas caracterizações a partir das diferenças e desigualdades que também é mote de estudos deste ponto do trabalho. Desta forma, fazer uma análise de alguns dados da pesquisa de mestrado que desenvolvi sobre as representações sociais dos jovens do campo acerca de suas escolas, observando a intersecção representações sociais/educação **do** campo/processo de formação dos jovens no campo.

O ensino que cabe à escola oferecer aos jovens do campo, hoje, possui diversas maneiras nas quais está sistematizado e/ou legitimado pela oficialidade. Uma das propostas mais comuns adotadas por grande parte dos sistemas



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

educacionais municipais é a estratégia de nucleação das escolas, garantindo o transporte para fazer frente a essa problemática da dispersão dos jovens, mas efetivamente o que acontece é uma nucleação na cidade. As principais discordâncias a essa perspectiva de ordenação educacional são as de que promove um desmonte do campo, com o agravante de que a relação de pertencimento comunitário fica comprometida e a identidade do campo não é reconhecida na cidade, em muitas ocasiões, tomada como objeto de discriminação.

A estrutura da representação social é estabelecida em uma dimensão interseccionada a partir da interação social e da constituição psicológica do indivíduo. Na base da dimensão social está a cultura, os códigos lingüísticos e os princípios valorativos dos sujeitos – quer estejam observados em seus segmentos sociais específicos, quer sejam vistos de modo individualmente.

Jodelet (2001, p. 22) conceitua representações sociais como um

[...] sistema de interpretações que regem nossa relação com o mundo e com os outros - orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais.

Neste sentido, os jovens do campo, como sujeitos sociais que são, possuem profundas marcas de identificação instauradas pelas representações sociais. Parte delas são estruturadas e estruturantes da visão de suas escolas no campo. Suas representações acerca da escola do campo podem nos dar o significado do quanto a escola pode contribuir ou enterrar o processo de identificação cultural e de formação humana dos jovens camponeses. Suas relações de pertença social e de ancoragem nas representações sociais relativas à escola que possuem no campo nos darão a precisão



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

do significado da Escola. Dar-nos-á o dimensionamento da real função social que a escola do campo tem concebido para as juventudes do campo.

### **APRESENTANDO OS SUJEITOS DA PESQUISA**

Foram sete comunidades de campo escolhidas em Bragança para que a pesquisa fosse desenvolvida. A escolha das comunidades se deu em função de suas condições regulares de transporte e pela vantagem comparativa devido a suas localizações geográficas polarizando núcleos de atendimento administrativo da rede. O que resultou, partindo destes critérios, o destaque da porção leste do município. A distância média das sete comunidades à sede do município é de aproximadamente 25 km. O tempo de acesso a estas comunidades varia dependendo das condições pluviométricas, ao longo do ano, e das circunstâncias em que se encontram as estradas em função das chuvas. Contudo, em períodos propícios para viagens e sem chuvas constantes é comum em uma média de distância de 25km o percurso durar até três horas; com curtas paradas para embarque e desembarque em localidades intermediárias com partida de Bragança. O grupo de comunidades selecionadas para a pesquisa foi composto pelos vilarejos de Acarajozinho, Acarajó Grande, Bacuriteua, Cajueiro – Campos de Baixo, Vila dos Pescadores de Ajuruteua, Flecheira e Tamatateua. Essas comunidades estão localizadas no campo do município de Bragança do Pará; nelas realizei as entrevistas com os jovens, lá residentes, e que foram os sujeitos desta pesquisa. Com entrevista semi-estruturada foram entrevistados 03 (três) jovens de cada uma das comunidades supracitadas. Como já

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

fora mencionado na introdução deste trabalho o ponto de redundância deu-se somente na 15<sup>a</sup> (décima-quinta) entrevista realizada com os jovens do campo, em suas próprias comunidades.

**Tabela 01: Apresentação dos sujeitos da pesquisa, em sua totalidade e por faixa etária definida**

Total de entrevistados	De 09 a 13 anos		De 14 a 18 anos		De 19 a 23 anos		De 24 a 30 anos		Acima de 30 anos	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
24	1	1	10	2	3	-	-	-	2	5

Fonte: Elaborada pelo autor, 2008.

No levantamento de dados, além dos jovens do campo, para que possamos desdobrar melhor as práticas de *inclusão-exclusão* na ação educativa no campo, outros informantes foram consultados, mesmo não se caracterizando sujeitos diretos desta pesquisa, que foram professores das respectivas escolas das comunidades pesquisadas, dois pais de alunos, bem como a assessora de gabinete daquela Secretaria Municipal de Educação. Seus depoimentos serviram de referendo às conclusões tiradas das condições de gestão e organização das escolas do campo em que a pesquisa se deu.

### APRESENTANDO OS INDICADORES DA PESQUISA

A pesquisa de campo deste trabalho fora realizada por intermédio de entrevistas coletadas a partir de um roteiro de “questões mais ou menos abertas levadas à situação da entrevista na forma de um guia [...]. Assim o entrevistador pode e deve decidir, durante a entrevista, quando e em que seqüência fazer quais

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

perguntas” (FLICK, 2004, p. 106). O que também caracteriza uma entrevista semi-estruturada.

Portanto, devo apresentar os indicadores levantados das entrevistas e que remete-nos às categorizações que os próprios sujeitos do/no campo foram delineando em função de suas falas. Para se entender o surgimento destas categorizações, convido o leitor a consultar o roteiro utilizado da entrevista semi-estruturada. Daquela estrutura, trabalhada com os sujeitos desta pesquisa, adveio os próprios quadros temáticos resultantes das manifestações das representações sociais dos jovens do campo acerca de suas escolas, identificadas ao longo de suas falas, por ocasião das entrevistas realizadas (Quadro 01)<sup>284</sup>.

**Quadro 01: Categorias temáticas levantadas pela pesquisa de campo**<sup>285</sup>

Categorias temáticas	Eixos	Sujeitos que referenciaram
A que serve a escola?	Possibilidade de melhoria de vida; conseguir um emprego	J7 / J8 / J11 / J12 / J13 / J14 / J15 / J16 / J17 / MSTRB 21
	Para educar	J15 / J17
	Para conscientizar. Para formar opiniões	J1 / J2 / TSB 3
Em que a escola precisa melhorar?	Infra-estrutura	TSB 5 / J7 / J8 / J9 / J10 / J13 / J14 / J16 / J17 / J18
	Currículo	J2 / J3 / MPJR 2 / TSB 6 / TSB 6
	Permitir a participação dos alunos	J2 / MPJR 2 / TSB 6
	Frequência dos professores	J13 / J14

284Onde há a inicial “J”, precedendo um numeral, leia-se “Jovem”; onde há a sigla TSB, leia-se “Técnica da Semed Bragança”; onde houver MPJR, leia-se “Membro da Pastoral da Juventude Rural” e onde houver MSTR, leia-se “Membro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bragança”.

285Neste artigo, como sinopse da dissertação, não serão trabalhadas todas as categorias temáticas levantadas na pesquisa. Serão consideradas tão-somente as categorias eleitas de forma amostral que contribuam para elucidação direta da importância de assegurar um currículo mais significativo às escolas do campo.

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Em que a escola precisa melhorar?	Dedicação dos professores / Formação dos professores	MPJR 2 / TSB 6 / J9 / J10
	Metodologia diferenciada	J1 / J2 / MSTR 2
	Inclusão de conteúdos voltados à questão do campo	TSB 6 / MSTR 1 / MSTR 2
	Aula de computação	J15 / J16
O que os jovens esperam da escola?	Uma educação diferenciada, que atenda as especificidades do campo	J1 / J2 / MPJR 2
	Melhor qualidade de vida	J7 / J8 / J11 / J15 / J16
	Currículos mais próximos as suas realidades	J2 / MPJR 2 / TSB 5 / MSTR 1 / MSTR 2
	Que possam continuar seus estudos no campo sem ter que sair para a cidade	J2 / MSTR 1 / MSTR 2 / MSTR 3
	Diminuir a discriminação / Exclusão social	TSB 3 / TSB 6 / MSTR 2
	Uma escola para as pessoas do campo	J1 / J2 / TSB 3
	Nada	J9 / J10 /
	Sem resposta (Silêncio)	J12 / J13 / J14
A escola atende às necessidades do campo?	Professores formados a partir de uma concepção de cidade	Os eixos apresentados evidenciam o <b>não</b> atendimento das escolas às necessidades do campo. Os jovens estudantes quando responderam a esta questão limitaram-se a dizer sim ou não. Pontuar, no geral, os eixos destacados e depois silenciarem.
	Necessidades de incluir disciplinas específicas à prática da agricultura	
	Valorizar a questão ambiental	
	O currículo de hoje não tem nada a ver com a realidade do campo	
	Estudamos coisas do Sul	
O que é bom na	Os amigos	J12 / J17 / J18



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

escola?	A leitura	J14
	O ensino	J7
	Os professores	J10 / J12 / J16 / J17 / J18
Pretensão de sair do campo?	Sim (Para continuar os estudos)	J1 / J2 / J16
	Não	J7 / J8 / J9 / J10 / J11 / J12 / J13 J14 / J15

Fonte: Elaborado pelo autor, 2008.

Necessariamente deve se analisar cada uma dessas figuras em relação a suas instituições e condições de circulação das idéias que retratam. E, isso, separadamente e em relação umas às outras, para que então, possamos retornar a elas como um todo de forma que concluamos suas representações manifestas, pelos jovens do campo, acerca da escola no campo.

### **A QUE SERVE A ESCOLA NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS DO CAMPO ACERCA DA PRÓPRIA ESCOLA**

Trabalhando o primeiro indicador do quadro temático constituído nesta pesquisa podemos averiguar que, quando considerada a função ou importância da escola, na estrutura aberta de diálogo, os jovens do campo, por intermédio dos sujeitos identificados na terceira coluna do Quadro 02, preponderantemente ressaltaram que a escola serve para: a) possibilitar melhoria de vida; b) educar e c) conscientizar, formar opiniões. Conforme pode ser constatado:

#### **Quadro 02: Apresentação da categoria temática: *A que serve a escola?***

<b>Categoria temática</b>	<b>Eixos</b>	<b>Sujeitos que referenciam</b>
---------------------------	--------------	---------------------------------





ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

A que serve a escola?	Possibilidade de melhoria de vida; conseguir um emprego	J7 / J8 / J11 / J12 / J13 / J14 / J15 / J16 / J17 / MSTRB 21
	Para educar	J15 / J17
	Para conscientizar. Para formar opiniões	J1 / J2 / TSB 3

Fonte: Elaborado pelo autor, 2008.

Houve a necessidade de percentualizar-se o quantitativo dos sujeitos entrevistados em função do tratamento dos dados na teoria das representações sociais e em segundo plano em função de analisarmos de forma mais precisa os enunciados dos jovens do campo.

Preponderantemente, a educação no campo, vista pelos jovens do campo, possui uma condição essencial de garantia para a melhoria de vida<sup>286</sup>. Entretanto, em suas falas ressaltam o emprego como ideal primeiro para preparo e consecução, conforme pode ser constatado nos trechos das entrevistas abaixo, por ocasião de quando perguntado qual era a importância da escola, para eles, jovens do campo.

Para Jodelet (2001, p. 36), as representações sociais são "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social". Tendo em vista esse conceito, pode-se afirmar que os jovens do campo, em proporção coletiva, partilham socialmente uma perspectiva de escolarização em função do emprego. Para elucidar melhor a dicotomia inerente a este pensamento no campo, deve-se ressaltar que há uma diferenciação entre emprego e trabalho e que essa compreensão de emprego, pode denunciar a internalização de um discurso externo ao campo e com elementos simbólicos que esvaziam a potencialidade do sentido de *trabalho* no campo. Emprego e trabalho não são a mesma coisa. Mesmo tomados

---

<sup>286</sup>Exatamente 60% dos jovens do campo possuem essa idéia em relação à importância da escola.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

cotidianamente dentre as massas como sinônimos possuem sentidos diferentes. O termo *trabalho* existe desde a instauração do processo (in)consciente da interação homem-natureza-apropriação, segundo Bottomore et al. (1996), o trabalho existe desde o momento em que o homem começou a fabricar utensílios e ferramentas para facilitar seus procedimentos de atuação no processo de interação na natureza. Ainda, segundo os autores, o emprego é fruto da apropriação da força de trabalho, da subjugação do operário em meio à estrutura capitalista de produção, sobretudo, oriundo da Revolução Industrial. Em suma, para Bottomore et al. (1996, p. 773),

[...] *trabalho* é o esforço humano dotado de um propósito e envolve a transformação da natureza através do dispêndio de capacidades físicas e mentais [...]. Enquanto *emprego* é a relação, estável, e mais ou menos duradoura, que existe entre quem organiza o trabalho e quem realiza o trabalho; que, por sua vez, não é possuidor dos bens e meios de produção.

Contudo, a despeito da diferenciação entre trabalho e emprego, o que prepondera dentre os jovens do campo é a perspectiva do emprego. E, conscientemente os jovens do campo, no geral, podem até não desdobrar de modo preciso essa diferenciação conceitual, mas têm o conhecimento da relação mais ou menos duradoura e relativamente estável que possui um vínculo de emprego. Para os jovens, estes são elementos de sedução que lhes atraem e consubstanciam suas perspectivas. O fato de o *emprego* estar dentre as representações sociais dos jovens do campo, deve-se levantar um questionamento relativo à representação dentre o pensamento coletivo dos jovens do campo. De que lugar e de quais agentes parte a intenção pelo emprego dentre os jovens do campo? Por que o trabalho, como possibilidade coletiva de produção, não tem a mesma intensidade de projeção ou de perspectiva? A que se deve a intenção desagregadora e individual pela preparação para o emprego, via escola do campo?



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Contudo, pode-se aferir que no contexto vivencial dos jovens do campo, tendo em vista o anseio pelo emprego, há discursos mais preponderantes que não àqueles validados pelos movimentos sociais que percebem o trabalho como vital para a organização social dos espaços campestres; bem como o princípio de alteração do paradigma das relações sociais de produção. O que contrasta com a possibilidade de empresas autogestionárias, cooperativas, associações ou quaisquer outras dinâmicas de ordenamento para geração de trabalho e renda que sejam formatadas a partir da concepção da economia solidária.

Inclua a esse contexto de questionamento a relativização da importância do trabalho como alternativa cultural de promoção da qualidade de vida coletiva no campo que, por sua vez, pode potencializar tanto a democracia quanto a prática cooperativa e o conseqüente processo de auto-reflexão sobre suas bases e relações de produção.

É fundamental se entender, de modo mais objetivo, que

O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder. O currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada à formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação (MOREIRA; SILVA, 2002, p. 08).

Portanto, o currículo trabalhado na educação do campo necessita contrapor-se ao agronegócio e ao latifúndio. Além de estar pautado pelo processo histórico das mobilizações sociais e pedagógicas que perseguem uma especificidade para a escolarização sob o eixo agroecológico e sócio-antropológico de ordenamento dos



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

eixos geradores do currículo. De forma, concomitante, a práxis pedagógica se aprender e ensinar no campo não deve negar a observação das identidades culturais dos ribeirinhos, das comunidades quilombolas, dos povos das águas, das mulheres da mata, dos povos das florestas, dos indígenas, do agricultor familiar, do assalariado no campo e dos indígenas que necessitam viver de forma digna em nossos campos.

### **POSSIBILIDADE DE ESTRUTURAÇÃO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM PAULO FREIRE**

Diante do contexto anterior, que pode ser levantado em função das representações sociais dos jovens do campo acerca de suas escolas pode-se apresentar a proposta pedagógica de Freire que representou para a educação do campo a possibilidade de discutir legitimamente a Terra e o uso dela como elementos de transversalização no currículo. Além de oportunizar, no currículo, motes de consideração das relações homem-natureza-trabalho; com a democracia, com a resistência cultural pelas renovações das lutas e dos espaços físicos de vida, com questões ambientais, de políticas de poder, de ciência, de tecnologia no campo e de denúncias das estratégias de exploração econômica e dominação política para com os povos do campo.

Nos moldes dos Temas Geradores, Freire oportunizou proposições para construção de estruturas curriculares instituídas de temáticas, tais como:

- o ser humano e suas relações com a terra;
- a trajetória histórica dos(as) agricultores(as) no desenvolvimento agrário brasileiro;
- desenvolvimento rural sustentável: a construção histórica do conceito de desenvolvimento e da agricultura familiar;



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

- desenvolvimento sustentável com enfoque territorial;
- os fatores limitantes e potenciais da agricultura familiar (método, terra, tecnologia, capital, trabalho, diversidade cultural);
- a construção da visão sistêmica; a interpretação de paisagens; o trabalho e seus significados; os instrumentos de políticas públicas; as relações sociais de gênero, raça/etnia, classe e geração; financiamento e crédito; agroecologia e desenvolvimento sustentável; economia solidária; cooperação; agroindústria; mercado; gestão agrícola; gestão para grupos de cooperação e cooperativas de crédito.

Tais eixos de trabalho da educação do campo asseguram a identidade da escola do campo, lhe definindo um currículo

pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país<sup>287</sup>.

A leitura da proposta curricular acima aponta para uma forma de se educar no campo circunscrita ao fato de que seus educandos/sujeitos possuem história, participam legitimamente de processos históricos de lutas sociais, possuem gêneros, raças, etnias, gerações e valores plurais.

A seleção deste desenho curricular como pressuposto para reordenação do currículo vigente nas escolas do campo na atualidade, dá-se em função de que a

---

287Art. 2º § Único da Resolução de Nº. 1/2002 do CNE/CEB que estabelece as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

concepção de currículo defendida pelos Saberes da Terra<sup>288</sup> acumula grande parte das discussões dos movimentos sociais e das proposições de intelectuais inseridos na luta pela reestruturação e reconceptualização do currículo das escolas do campo.

### CONCLUSÕES

Esta pesquisa, decorrente da minha dissertação de mestrado defendida em abril de 2008, apontou para situações de exclusão social dos jovens do campo em função de relações incongruentes que suas escolas lhes possibilitam em relação a seus anseios e até mesmo das representações que estes jovens têm acerca de suas escolas. Representações essas emblematicamente para além das possibilidades atuais de suas escolas, dada sua formação gerencial e pedagógico-administrativa que hoje apresentam. As representações sociais dos jovens do campo estão para além das possibilidades atuais de suas escolas, no sentido da garantia de suporte a seus anseios. Algumas delas partilham elementos citadinos encravados no destoamento de seus ideais de estruturas de organização social e fins coletivos de formação identitária no campo. No geral, as representações sociais dos jovens do campo acerca de suas escolas encerram uma perspectiva muito além do papel social que a escola do campo tem implementado nos espaços em que se formam os sujeitos dessa pesquisa. A escola do campo, em Bragança, padece de uma estrutura de (re)produção das relações culturais de despolitização, desagregação comunitária e dominação sob o jugo da exploração econômica daqueles que detêm os meios e os bens de produção.

---

288 Mesmo os valores de não reconhecimento do campo como espaço para continuação do processo de aquisição do sustento e do trabalho, optando pela cidade como espaço para a continuidade da vida. Desde que sejam valores instituídos livremente, sem segregação, expropriação ou imposição da condição de deseramento social.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

A escola do campo possui em si uma fecunda possibilidade de mediar o processo de conquista da melhoria de qualidade de vida ao trabalhador e à trabalhadora do campo. Como um dos eixos centrais pode consolidar um projeto de sociedade diferente daquela preconizada pelo capital e pelo capitalismo. Uma escola do campo deve estar atenta para um currículo que valorize o processo de formação humana sob a égide dos movimentos sociais de luta pela terra, de acesso ao crédito e de organização coletiva. Seu currículo deve destacar o papel formativo que possuem os processos sociais. Deve trazer para o grau zero da realidade escolar o princípio formativo dos movimentos sociais, conforme defende Caldart (2000).

O currículo das escolas do campo deve permanentemente ser realinhado sob o enfoque da superação das estruturas de exclusão social que emanam não só do modelo de educação urbana *pensado* para o campo, mas da própria superação das limitações da seriação e da disciplinarização dos conteúdos programáticos. Deve ser subsidiado por uma séria política de assessoramento pedagógico, de garantia de material didático, de merenda escolar, de núcleos qualificados de gestão institucional, de uma consistente proposta de formação continuada dos educadores do campo, bem como uma seleção compromissada com a qualidade dos educadores que atuarão nas escolas do campo. A organização do trabalho pedagógico no campo poderá ser melhor instituída caso seja operacionalizada por eixo temáticos, tais como: a) Agricultura familiar: etnia, cultura e identidade; b) Sistemas de produção e processos de trabalho no campo; c) Desenvolvimento sustentável e solidário com enfoque territorial e d) Cidadania, organização social e políticas públicas atrairia as disciplinas, de forma que seus conteúdos programáticos perdessem a linearidade dispostas em suas unidades bimestrais e oferecessem uma unidade temática, ou seja, um assunto específico do conteúdo, de forma transversal e interdisciplinar dada a necessidade de trabalho nos



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

eixos acima descritos. As disciplinas e os conteúdos é que transversariam os eixos e, não, vice-versa.

A educação do campo, assegurada pela legislação vigente, necessita dar respostas à carência de escolas e até mesmo de políticas educacionais específicas ao trabalhador e à trabalhadora no campo; assegurando-lhes direitos constitucionais, sobretudo o de estudar e ter condições de prosseguir estudando. A luta pela reforma agrária e pelo sentido político do ato de se ensinar e aprender no campo também devem ser motes de orientação do currículo das escolas do campo que, por si, é um direito nosso e dever do Estado.

### REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena W. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena W; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-71.
- ARROYO, Miguel. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica (org.). **Por Uma Educação do Campo**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2004.
- BOTTOMORE, Tom et al. **Dicionário do pensamento social do século XX**: Trad. Álvaro Cabral e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Bairão. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- \_\_\_\_\_. A “juventude” é apenas uma *palavra*. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).
- \_\_\_\_\_. (org.). **A questão política da educação popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 01/2002**. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 32.





ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

- \_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394). Brasília, 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Programa nacional de educação de jovens e adultos integrada com qualificação social e profissional para agricultores(as) familiares**. Brasília, out. 2005.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Referências para uma política nacional de educação do campo**: caderno de subsídios. Brasília, 2004.
- CALDART, Roseli Salette. **O MST e a formação dos sem terra**: o movimento social como princípio educativo. Brasília: Expressão Popular, 2002. p. 207-24.
- \_\_\_\_\_. A escola do campo em movimento. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 3, n. 1, p.60-81, jan.-jun. 2003.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2005.
- COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **A cor ausente**: um estudo sobre a presença do negro na formação de professores – Pará, 1970-1989. Belo Horizonte: Mazza Edições; Belém: Editora Unama, 2006.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salette; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 134-145.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs.) **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HAGE, Salomão Antonio Muffarrej; FREIRE, Jacqueline da Cunha Serra; FREITAS, Maria Natalina Mendes; PEREIRA, Ana Claudia da Silva; CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; BARROS, Oscar Ferreira; ALMEIDA, Luciane Soares; SILVA, Gillys Vieira da (orgs.). **Educação do Campo na Amazônia**: Retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará. 01. ed. v. 01. Belém: M. M. Lima Ltda, 2005. 300 p.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Panorama da educação do campo**. Brasília, maio 2007.
- JODELET, Denise. (org.) **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- KOLLING, Edgar Jorge et al. **Por uma educação do campo**: contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Série Por Uma Educação do Campo. n. 4. Brasília: MST, 2004.
- LÜDKE, Hermengarda Alves Ludke Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU/EDUSP, 1986.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

- MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de. **Por uma educação do campo:** educação do campo, identidades e políticas públicas. Série Por Uma Educação do Campo. n. 5. Brasília: MST, 2004.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomáz Tadeu da. (orgs.) **Currículo, cultura e sociedade.** São Paulo: Cortez, 2002.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. (org.). **Cartografias ribeirinhas:** saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. Belém: CCSE-UEPA, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Saberes, imaginários e representações na educação especial:** a problemática ética da “diferença” e da exclusão social. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PÉREZ GOMEZ, A. I. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, J. GIMENO; PÉREZ GOMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino.** Trad.: Ernani F. da Fonseca. 4. Rio de Janeiro: ArtMed, 1998.
- SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Núcleo central das representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1996.
- SILVA, Tomáz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SOARES, Edla de Araújo Lira. **Parecer Nº 36/2001** sobre as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo. Brasília, DF: 2001.
- SPINK, Mary Jane Paris. **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.